

# **Temas de Cultura e Civilização Anglo-americana**

**Elaine Maria Santos  
Rodrigo Belfort Gomes**



**São Cristóvão/SE  
2016**

# Temas de Cultura e Civilização Anglo-americana

## Elaboração de Conteúdo

Elaine Maria Santos

Rodrigo Belfort Gomes

---

## Projeto Gráfico

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

## Capa

Hermeson Alves de Menezes

## Diagramação

Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

---

Copyright © 2014, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**Presidente da República**  
Dilma Vana Rousseff

**Ministro da Educação**  
Hernrique Paim

**Diretor de Educação a Distância**  
João Carlos Teatini Souza Clímaco

**Reitor**  
Angelo Roberto Antonioli

**Vice-Reitor**  
André Maurício Conceição de Souza

**Chefe de Gabinete**  
Marcionilo de Melo Lopes Neto

**Coordenador Geral da UAB/UFS**  
**Diretor do CESAD**  
Antônio Ponciano Bezerra

**Coordenadora-adjunta da UAB/UFS**  
**Vice-diretora do CESAD**  
Djalma Andrade

---

**Diretoria Pedagógica**  
Clotildes Farias de Sousa

**Diretoria Administrativa e Financeira**  
Pedro Henrique Dantas Dias

**Coordenação de Cursos**  
Djalma Andrade

**Coordenação de Formação Continuada**  
Rosemeire Marcedo Costa

**Coordenação Geral de Tutoria**  
Ana Rosimere Soares

**Coordenação de Avaliação**  
Hérica dos Santos Matos

**Coordenação de Tecnologia da Informação**  
Hermeson Menezes

**Assessoria de Comunicação**  
Guilherme Borba Gouy

---

**Coordenadores de Curso**  
Denis Menezes (Letras Português)  
Eduardo Farias (Administração)  
Elaine Cristina N. L. de Lima (Química)  
Paulo Souza Rabelo (Matemática)  
Hélio Mario Araújo (Geografia)  
Lourival Santana (História)  
Marcelo Macedo (Física)  
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)  
Maria Augusta Rocha Porto (Letras Inglês)

---

**Coordenadores de Tutoria**  
Laura Camila Braz de Almeida (Letras Português)  
Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)  
Viviane Costa Felicíssimo (Química)  
Danielle de Carvalho Soares (Matemática)  
Givaldo dos Santos Bezerra (Geografia)  
Carolina Nunes Goes (História)  
Frederico Guilherme de Carvalho Cunha (Física)  
Luzia Cristina de M. S. Galvão (Ciências Biológicas)  
Ana Lúcia Simões Borges Fonseca (Letras Inglês)

---

## **COORDENAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO**

Hermeson Menezes (Coordenador)  
Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva  
Nicolás Menezes Melo

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"  
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze  
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE  
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474



# Sumário

|   |     |
|---|-----|
| <b>AULA 1</b>   |     |
| O ensino de língua inglesa e as questões culturais.....               | 07  |
| <b>AULA 2</b>   |     |
| Identidade e cultura: algumas considerações .....                     | 23  |
| <b>AULA 3</b>   |     |
| Multiculturalismo: a diversidade cultural em foco .....               | 49  |
| <b>AULA 4</b>   |     |
| Multiculturalismo, interculturalidade e transculturalidade .....      | 69  |
| <b>AULA 5</b>   |     |
| Ensino de língua inglesa, cultura e ideologia .....                   | 89  |
| <b>AULA 6</b>   |     |
| A dimensão intercultural do ensino da língua inglesa .....            | 109 |
| <b>AULA 7</b>   |     |
| O Ensino Comunicativo e o Letramento Crítico .....                    | 139 |
| <b>AULA 8</b>   |     |
| A legislação atual sobre o ensino de LI e as questões culturais... .. | 165 |
| <b>AULA 9</b>   |     |
| A abordagem cultural do ensino de LI e as Novas Tecnologias.....      | 181 |
| <b>AULA 10</b>  |     |
| O ensino de Língua Inglesa e a questão dos Direitos Humanos.....      | 197 |



# Aula 1

## O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E AS QUESTÕES CULTURAIS

### **META**

Entender alguns conceitos relacionados ao ensino de uma língua estrangeira, destacando a necessidade de inserção das questões culturais para o desenvolvimento de um cidadão crítico.

### **OBJETIVOS**

At the end of this class, it is expected that the students:

- Compreensão da necessária relação entre ensino de LE e o trabalho cultural;
- Análise do perigo em trabalhar as questões culturais na perspectiva da colonização de mentes dos alunos;
- Definição do termo cultura;
- Análise de possíveis justificativas para o não trabalho das questões culturais nas aulas de LE;
- Entendimento do termo Currículo Turístico.

### **PRERREQUISITOS**

Ter conhecimento básico sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e dos métodos da gramática e tradução e abordagem comunicativa.

**Elaine Maria Santos**  
**Rodrigo Belfort Gomes**

### INTRODUCTION

A primeira aula do curso de Culturas de língua inglesa se propõe a levar algumas discussões iniciais sobre a necessidade de associar o ensino de língua estrangeira às questões culturais da língua, partindo do pressuposto de que o estudo de um idioma não pode se restringir a um simples trabalho de decodificação de símbolos e de memorização de regras.

Neste capítulo, vamos entender o conceito de cultura e o porquê da associação entre língua e cultura, de modo que possamos compreender que a cultura é socialmente construída, dinâmica e aprendida. A partir dessas discussões, serão analisados os resultados de uma pesquisa feita em Vitória da Conquista - Bahia, correlacionando os resultados com a situação de todo o Brasil, com o objetivo de identificar as principais razões pelas quais muitos professores evitam associar o ensino da língua inglesa às questões culturais inerentes.

É importante destacar que, desde a primeira aula, iremos apresentar algumas citações em língua inglesa para o enriquecimento das discussões levantadas e que os termos apresentados serão explicados tão logo surjam na aula.

Bons estudos e um excelente trabalho a todos.

Estão todos prontos?

Vamos dar início aos nossos estudos referentes a essa primeira aula?

Ensinar uma língua estrangeira não significa tão somente trabalhar as questões linguísticas, com exercícios que foquem o trabalho vocabular e gramatical. De acordo com Larsen-Freeman (2000), ao estudar o ensino das línguas estrangeiras através dos métodos de ensino, percebe-se que, por muito tempo, o ensino de um idioma se restringiu à análise puramente gramatical desse idioma, com ênfase na tradução e na exposição de regras. Esse método, conhecido como da gramática e tradução, foi percebido desde o século XVI e seus preceitos ainda são vistos em muitas aulas do ensino fundamental e médio. A partir da segunda metade do século XX, as abordagens comunicativas começaram a ser difundidas, com uma grande ênfase na comunicação, no ensino indutivo, na autenticidade da língua empregada, na contextualização e no trabalho significativo, tendo-se como base as experiências vivenciadas pelos alunos. O final do século XX foi também palco para outras discussões metodológicas em torno de termos como multiletramentos, letramento crítico e letramento digital, bem como do papel que as questões culturais e identitárias desempenham durante a aprendizagem de uma língua estrangeira. Nesta aula, vamos nos deter a uma análise da associação que pode ser feita entre cultura e o ensino de línguas, levando a alguns questionamentos sobre as nossas concepções sobre o ensino de línguas e de que forma podemos deixar esse ensino mais comunicativo e participativo.



<http://blog.cdn.tego.com>

Lima (2008), ao analisar o ensino de língua inglesa em Vitória da Conquista, fez uma análise sobre as concepções que alguns professores da rede pública tinham sobre o ensino de LI a partir de uma abordagem mais cultural, e os dados colhidos podem ser utilizados para uma reflexão inicial sobre esse tema. Você acredita que é possível ensinar uma língua sem que os aspectos culturais sejam trabalhados? É fácil trabalhar as questões culturais em uma aula de LI? Quais as dificuldades encontradas quando se decide trabalhar língua e cultura? Essas e outras questões foram trabalhadas no texto do professor Lima (2008) e é importante pararmos um pouco para uma reflexão.

Antes de prosseguirmos, no entanto, é importante discutirmos um pouco sobre o conceito de cultura. Nieto (2009, p. 136) define cultura como sendo *“the ever-changing values, traditions, social and political relationships, and world view created, shared, and transformed by a group of people bound together by a combination of factors that can include a common history, geographic location, language, social class, and religion”*. Dessa forma, segundo a autora, é possível dizer que a cultura é dinâmica, ativa e está sempre em processo de mudança. Não se pode falar em cultura sem se referir a um processo de identificação, pois essa bagagem cultural com a qual entramos em contato diariamente nos provoca um sentimento de identificação ou afastamento contínuo. Assim, é possível dizer que temos múltiplas identificações culturais e que estas podem ser ecléticas, mistas e heterogêneas, sem que sejam conflitantes. Como consequência, quando discutimos um assunto com nossos alunos, devemos ter ciência de que os tópicos debatidos vão gerar uma reação no discentes, fazendo com que, muitas vezes, eles adquiram novos hábitos ou se interessem por novos assuntos.



<http://teaching-english-abroad.ontesol.com>

Seguindo as orientações dos PCNs (1998) e das OCEM (2006), ao exercer nosso papel de formador de cidadãos críticos, não podemos ignorar os teores culturais do livro didático, e todos os assuntos devem ser abordados levando-se em consideração o contexto e a bagagem cultural dos alunos. Nesse contexto, trabalhar a cultura nas aulas de língua inglesa não pode simplesmente significar fazer feira das nações ou listar características próprias de um povo, uma vez que, pelo que podemos perceber, a cultura não é algo estático e imutável, e, por estarmos sempre em contato com o outro, estamos em processo contínuo de mudança.

Quando caracterizamos um povo pelas suas vestimentas, roupas e preferências, estamos dizendo que todas as pessoas são iguais e cometemos o erro da generalização, tão comum quando criamos ou consolidamos estereótipos. Se todas as generalizações fossem verdades absolutas, todos os brasileiros morariam no Rio de Janeiro, seriam bons jogadores de futebol e excelente dançarinos de samba. Essa é a sua realidade ou a de todos os seus amigos? Percebeu como é importante falar sobre cultura sem criar ou consolidar estereótipos?



### ACTIVITY

Procure em [www.youtube.com](http://www.youtube.com) o vídeo “Chimamanda Adichie: O perigo da história única” e escreva um texto de cerca de 15 linhas sobre o problema quando trabalhamos com estereótipos e a criação de uma história única.

### COMMENTS ON THE ACTIVITY

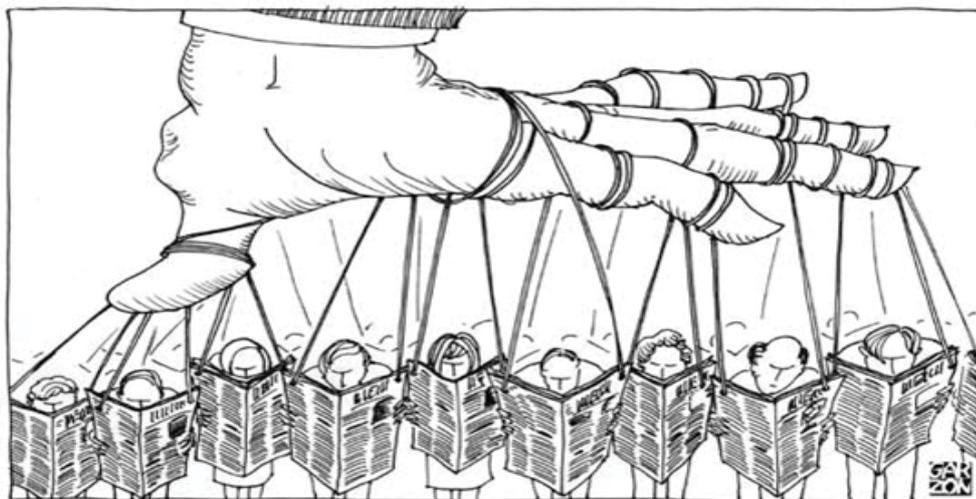
Antes de assistir o vídeo, releia o material e preste atenção aos comentários feitos sobre a associação entre ensino de cultura e o estabelecimento de estereótipos. Enquanto você assiste ao vídeo, tome algumas notas para auxiliar o processo de construção do texto.



<http://esquerdasocialista.com.br>

A importância das questões culturais para a sociedade foi também trabalhada por Pierre Bourdieu (1986), ao defender a existência de um capital cultural em toda sociedade. Podemos entender esse capital cultural como os gostos, valores, língua e dialetos adquiridos ao longo dos tempos e que marcam as pessoas como pertencentes a determinadas classes sociais e culturais. Segundo o autor, dessa forma, todos os valores e experiências adquiridas através do contato social interferem na vida do indivíduo, pois vão sendo depositados nesse capital cultural que construímos ao longo dos anos. Como professor de LE, todas as experiências e opiniões compartilhadas nas aulas de inglês e que privilegiam os debates culturais serão também armazenados nesse capital cultural construído, o que reforça ainda mais nosso papel enquanto professor de idioma e formador de cidadãos. É importante também destacar que, conforme atesta Nieto (2009), a cultura é criada, socialmente construída e aprendida. Se a cultura é aprendida, nosso papel como professor é ainda mais importante, pois não nos cabe ensinar padrões culturais a serem seguidos e sim mostrar ao aluno que ele precisa desenvolver a sua criticidade diante das mais diversas situações às quais é exposto em sala de aula.

Não é o nosso objetivo colonizar a mente dos alunos, conforme destacado por Leffa (2006) e Moita Lopes (2001), ao criticarem que muitos professores são tão apaixonados pelas culturas de LI e pelos países X e Y, que, envolvidos nessa idolatria, passam para os alunos o desejo em morar em outros países, pois somente nesses locais a verdadeira felicidade pode ser encontrada. “Observa-se uma atitude exageradamente positiva e de quase adoração” (MOITA LOPES, 2001, p. 37) pela cultura americana, principalmente, que, na maioria das vezes, é repassada para os alunos. Se o professor não disponibiliza um tempo para desenvolver a leitura crítica, as questões culturais não podem ser trabalhadas de forma adequada e a idolatria pode ser o produto final desse processo de ensino-aprendizagem. Temos, então, que ter o cuidado em trabalhar corretamente as questões culturais na sala de aula sem, no entanto, colocá-las em um pedestal de modo que os alunos passem a rejeitar sua própria cultura e identidade e priorizem os padrões culturais da língua que está aprendendo. Essa colonização pode se dar não somente através dos discursos estabelecidos pelos professores, como, também, com os meios de comunicação que os docentes utilizam em atividades propostas, que podem auxiliar na consolidação da ideologia dominante, que determina quais os padrões culturais que devem ser seguidos e quais as posições econômicas que cada classe social pode assumir.

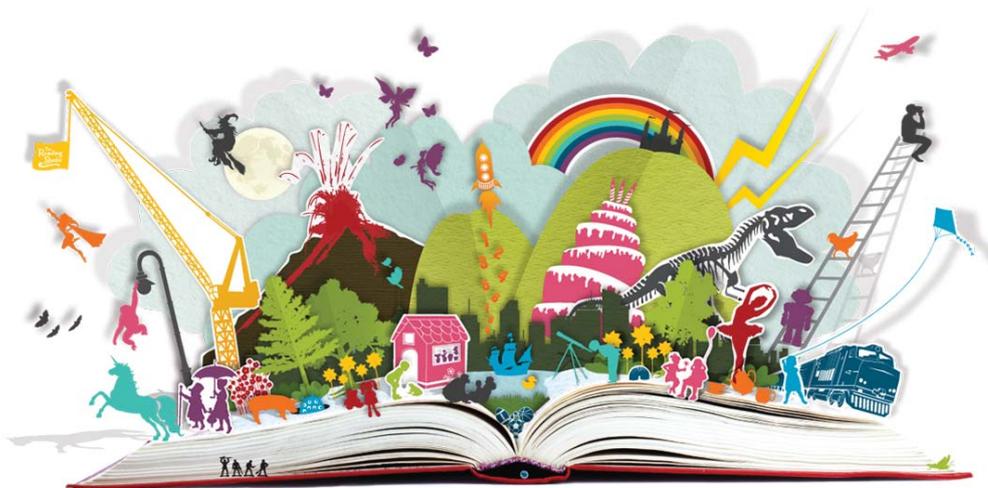


<http://2.bp.blogspot.com>

Agora que já entendemos o que é Cultura e quais as implicações de trabalharmos as questões culturais nas aulas de LI, é importante voltarmos para a pesquisa de Lima (2008) e buscarmos a compreensão do modo pelo qual o ensino do inglês é ainda percebido pelos professores que ministram essa disciplina. No texto *Vozes da (re) conquista: o papel da cultura no ensino da língua inglesa*, Diógenes Cândido de Lima (2008) analisa o entendimento sobre abordagem cultural no ensino de língua inglesa, entre os professores de Vitória da Conquista. Lima (2008, p. 88) acredita que “o problema é que muitos professores de língua inglesa

ênfatisam, apenas, os aspectos linguísticos desse idioma, deixando de lado a abordagem de aspectos socioculturais”, o que se constitui em um grave problema para o estabelecimento de um processo de ensino-aprendizagem baseado na comunicação e na formação cidadã do aluno, em decorrência de uma impossibilidade de separação entre cultura e o ensino de língua estrangeira, ou seja, em promover o ensino de línguas dissociando-o dos seus valores culturais. De acordo com Nieto (2009) e Lima (2008), a língua é um produto da cultura, e como a cultura é aprendida, a melhor forma de se verificar esse aprendizado é através da língua. Ao se trabalhar cultura, trabalham-se histórias de vidas, novos contextos, novas formas de ver o mundo, compartilhamento de comportamentos, interações e as mais diversas maneiras de socialização. Essas situações vivenciadas nestes contextos comunicativos ajudam o aluno quando do estabelecimento de novas situações de aprendizagem, uma vez que horizontes de expectativas e repertórios de leitura são construídos e vão facilitar a assimilação de novos conhecimentos.

Você já ouviu falar nos termos horizontes de expectativas e repertórios de leitura? O que eles significam?



<http://www.thereadingstudio.com>

Por repertório de leitura, entendemos “o conjunto de normas sociais, históricas, culturais trazidas pelo leitor como bagagem necessária à leitura” (COMPAGNON, 2006, P. 152). A cada nova leitura que fazemos, vamos incorporando, no nosso repertório, novas experiências e novas possibilidades, que serão retomadas sempre que necessário, ou seja, sempre que estamos diante de novas leituras, as experiências anteriores são lembradas. Novos horizontes de expectativas são formados a partir dos repertórios de leitura estabelecidos, sejam eles advindos de leituras verbais ou não verbais. Ao lermos uma obra, por exemplo, vamos criando algumas expectativas do que pode acontecer a seguir, e estas expectativas podem, ou não, ser confirmadas no decorrer a leitura. Assim, constantemente, estamos ampliando nossos

repertórios de leituras, que dialogam repetidamente com os horizontes de expectativas que temos diante de novos conceitos e novas experiências. É importante destacar que essa interação entre as leituras prévias e as novas leituras, perpassando pelas questões culturais, constitui-se em um processo ativo de construção de conhecimento, em que não há respostas certas e erradas e sim reflexões sobre novas situações apresentadas e vivenciadas.

A compreensão de uma outra cultura não é um processo simples, uma vez que, quando aprendemos a língua materna, as questões culturais são internalizadas conjuntamente e, desde pequeno, percebemos a força das palavras e as reações que temos diante da abordagem de certos temas. Os conhecimentos linguísticos são internalizados, dessa forma, juntamente com os culturais, através dos feedbacks que são obtidos no decorrer do processo de aquisição da língua materna. Ao aprender uma língua estrangeira, por outro lado, quando não vivemos no país da língua alvo, precisamos trabalhar os conhecimentos culturais de forma paralela, pois corremos o risco de não entendermos as situações às quais somos expostos. “Às vezes, é necessário um conhecimento de história, de geografia, ou de artes, para lhes dar um sentido. Essa constatação demonstra que é imprescindível um mínimo conhecimento de cultura para compreender certas expressões” (LIMA, 2008, p. 94). Muitas vezes não entendemos as piadas em uma língua estrangeira não por falta de conhecimento lexical ou gramatical, e sim, por não compartilharmos do background cultural em que a piada está inserida. Percebemos isso claramente em filmes e seriados em que algumas cenas engraçadas passam despercebidas por não termos o conhecimento cultural do que está sendo passado.



<https://i.imgflip.com>

No trabalho do professor Lima (2008), foi constatado que a grande maioria dos professores, ao analisar o livro didático adotado em suas escolas, apontava um grande número de temas culturais que poderiam ser trabalhados em sala de aula, mas que, mesmo identificando tópicos culturais nas obras analisadas, os professores atestavam uma dificuldade em trabalhar tais temas, utilizando várias alegações, destacando-se, entre elas, o fato de não terem tido a oportunidade, nas universidades, de discutirem modos de abordagem das questões culturais presentes nos livros didáticos. Muitos professores justificaram o não trabalho de questões culturais em sala de aula pelas dificuldades encontradas no dia a dia, destacando os problemas relacionados com a “falta de material, falta de conhecimento do assunto, falta de tempo para buscar informação pertinente e pelo fato de nunca terem viajado para o exterior” (LIMA, 2008, p. 99). Mas será que essas desculpas são realmente pertinentes e justificam o trabalho meramente linguístico em sala de aula? Será que não temos como driblar a falta de material, a falta de tempo e de conhecimento? Viajar para o exterior é realmente um pré-requisito para o estabelecimento de aulas baseadas em discussões sobre questões culturais? Se pensarmos no alcance das novas tecnologias de informação, e, principalmente, dos sites de busca disponibilizados nos mais diversos *browsers* existentes, percebemos que o conhecimento nunca esteve tão ao alcance de todos.



<http://www.or-hof.com>

Em diversos momentos de sua pesquisa, Lima (2008) se deparou com respostas defensivas, no que se refere ao trabalho dos aspectos culturais em sala de aula e, entre as diversas dificuldades apresentadas, destacam-se:

escassez de recursos; carga horária reduzida; falta de material didático, dificuldade de compreensão auditiva dos alunos; falta de motivação dos estudantes; grande número de aluno por sala; não-acesso à

Internet por parte dos discentes; dificuldade de interpretação de textos; bloqueio criado pelos próprios alunos; pouca importância dada à matéria pelo currículo escolar; professores despreparados; dificuldade em conscientizar os alunos para a importância do inglês; alunos que não gostam de atividades para casa, entre outras (LIMA, 2008, p. 101).

Ao analisarmos as justificativas apresentadas pelos professores, percebe-se que todos os fatores podem ser classificados como exteriores a uma postura proativa de inserção de aspectos culturais nas aulas de línguas. Todos os fatores podem ser contornados através do emprego de uma prática mais crítica e reflexiva em sala de aula, que privilegie as experiências dos alunos e possibilite oportunidades para que trocas culturais possam efetivamente ocorrer em sala de aula.

Santomé (2013, p. 156) chama a atenção para o perigo em associar o ensino de línguas aos aspectos culturais através do estabelecimento de um currículo turístico, sem práticas de real significação cultural para os alunos. Para o autor, a ação educativa eficaz é aquela que busca desenvolver, no alunado e no professorado, a capacidade reflexiva para tomadas de decisões e para a formação de cidadãos críticos, ativos e solidários, através de práticas que privilegiem os conteúdos culturais e que visem uma “reconstrução reflexiva e crítica da realidade, tomando como ponto de partida as teorias, conceitos, procedimentos e costumes que existem nessa comunidade e aos quais se deve facilitar o acesso”. Mas o que você entende por Currículo turístico? Quais são os malefícios do estabelecimento de práticas que levem a essa situação?

Para Salomé (2013, p. 168-169), o currículo turístico é aquele em que são observadas práticas estereotipadas de apresentação de uma cultura pelas festas, vestimentas, celebrações e comidas, por exemplo, sem que as práticas sociais sejam analisadas em interação e sem que uma abordagem crítico-reflexiva seja verificada, com o objetivo de fazer com que o aluno reflita sobre as situações vistas e se posicione ativamente. Esse currículo é estabelecido, dessa forma, toda vez que se recorre:

À trivialização – quando os grupos sociais minoritários são vistos com superficialidade e banalidade: costumes, vestimentas, folclore, etc.

Ao tratamento da cultura como *souvenir* – quando, diante da diversidade cultural de uma comunidade, é tratado apenas um aspecto dessa cultura, como um verdadeiro *souvenir*.

Ao dia de – quando o assunto a ser discutido faz parte de uma temática única, apresentada em um único dia. Dessa forma, em todos os demais, essa cultura é silenciada.

À estereotipagem – quando as discussões apresentadas caminham em direção à formação ou consolidação de estereótipos, de tal forma que as

peças pertencentes às culturas “analisadas” são vistas como preguiçosas, não amigáveis, festeiras, etc.

À tergiversação - práticas através das quais as situações de marginalidade social são tratadas culpando-se os indivíduos, com desculpas como inferioridade de raças, por exemplo, ignorando-se as condições de opressão existentes, como as políticas, econômicas e religiosas.



<https://thisisfuerza.files.wordpress.com>



## ACTIVITY

Exemplifique as situações abaixo, que levam ao estabelecimento de currículos linguísticos, através de exemplos pessoais ou retirados de filmes, seriados e novelas:

- Trivialização
- Tratamento da cultura como souvenir.
- Estabelecimento do dia de
- Estereotipagem
- Tergiversação

### COMMENTS ON THE ACTIVITY

Antes de responder a questão, releia o material referente ao que é solicitado, e, caso ainda tenha dúvidas, entre em contato com o seu tutor, solicitando explicações adicionais.

É impossível conceber um ensino de língua estrangeira que não esteja intimamente ligado ao trabalho das questões culturais. O professor precisa ter atenção ao abordar esses aspectos, para não reforçar estereótipos e não silenciar as vozes das minorias, valorizando os aspectos culturais de todas as culturas envolvidas. Não se pode desenvolver apenas um trabalho acrítico, de ensino puramente linguístico e/ou atuar como colonizador da mente dos alunos. Você pode se perguntar se, baseado nessa preocupação em trabalhar a cultura de modo a não privilegiar o currículo turístico, é necessário excluir do programa as festas e tradições dos países falantes da língua inglesa. A resposta é simples. Não se trata de evitar a abordagem desses temas, até mesmo porque eles fazem parte do dia a dia das comunidades estudadas. Trata-se, na realidade de tratar os temas sem a criação de estereótipos, consolidando a imagem de que todos pensam da mesma forma, gostam das mesmas coisas, e tomam as mesmas decisões, simplesmente por terem nascido no mesmo local.



<http://www.communication-director.com>

Dessa forma, se imaginarmos um tópico como Halloween, cabe ao professor questionar os alunos sobre o que eles sabem sobre esta festa, mostrar vídeos, trabalhar o vocabulário dentro desse contexto festivo e, acima

de tudo, possibilitar que os alunos falem sobre as festas que são culturais no meio em que eles estão inseridos e o que acharam da festa apresentada, ao invés de simplesmente dizer que o Halloween é uma festa americana que todos celebram nos Estados Unidos e que deve ser incorporada por ser um modelo cultural importante a ser seguido. A comemoração da festa em terras brasileiras deve ser conduzida de modo a possibilitar a vivência de novas experiências advindas do contato cultural, e não simplesmente uma mera reprodução por ser um produto norte-americano.

O importante é não se esquecer que, em última análise, os nossos alunos precisam adquirir domínio da língua estrangeira para o seu próprio bem e para se tornarem mais aptos a enfrentar os novos desafios que o mundo coloca no seu caminho. São eles que têm que aprender a dominar a língua inglesa, jamais deixando que a língua inglesa comece a dominá-los (RAJAGOPALAN, 2005, p. 45).



<http://wp.production.patheos.com>

Após a leitura do material desta aula, podemos afirmar que o ensino de uma língua estrangeira, associado a um posicionamento mais crítico e reflexivo é, não só recomendado, mas, principalmente, essencial. Nenhuma língua estrangeira pode ser aprendida sem que os valores sociais, culturais e ideológicos sejam trabalhados, sob o perigo de fortalecer e consolidar ideologias de forma acrítica. O aluno precisa ser guiado, sempre, a refletir, questionar e se posicionar frente a qualquer discussão levantada, de modo que, como anteriormente mencionado, a comemoração de uma data festiva que não seja significativa para o aluno, por exemplo, possa

ser contextualizada, debatida e questionada pelo mesmo, e não apenas reproduzida de forma passiva.

### CONCLUSION

Finalizamos a nossa primeira aula.

Podemos concluir, diante da aula apresentada, que não se pode dissociar o ensino de língua inglesa dos aspectos culturais inerentes à língua, principalmente quando compreendemos que a associação entre língua e cultura é forte. A língua é carregada de carga cultural, e, ao mesmo tempo, por ser aprendida, a cultura utiliza a língua como um dos meios mais importante de compartilhamento.

Complementarmente, é necessário compreender que o ensino de uma LE associado às questões culturais deve ser estabelecido em um ambiente que propicie o desenvolvimento da consciência crítica do aluno, de modo a se evitar que os estereótipos sejam criados e consolidados, bem como que os currículos turísticos sejam difundidos.

Tendo em mente que o objetivo do curso é a formação de novos professores, o estudo aqui proposto deve ser complementado paralelamente, por você, bem como na plataforma através de atividades indicadas na aula. Atividades extras e complementares poderão ser postadas pelo seu professor na plataforma do seu curso.

Bons estudos e um ótimo desempenho a todos!!



### SELF-EVALUATION

Sou capaz de compreender a necessária relação entre ensino de LE e o trabalho cultural?

Sou capaz de analisar o perigo em trabalhar as questões culturais na perspectiva da colonização de mentes dos alunos?

Sou capaz de definir o termo cultura?

Sou capaz de analisar possíveis justificativas para o não trabalho das questões culturais nas aulas de LE?

Sou capaz de entender o termo Currículo Linguístico?



### NEXT CLASS

O tema da nossa próxima aula será *Identidade e Cultura*: algumas considerações esse destinará ao estudo do termo identidade e de que forma esse termo está relacionado ao trabalho com a cultura em sala de aula.

## REFERENCE

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quartociclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio - volume 1**: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of theory and research for sociology of education**. Westport, CT: Greenwood Press, 1986.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LARSEN-FREEMAN, D. **Teaching Techniques in English as a Second Language**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LEFFA, V. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: \_\_\_\_\_. KARWOSKI, A. M.; BONI, V. de F. C. V. (Org.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2006. p. 10-25.

LIMA. Diógenes Cândido de. Vozes da (re) conquista: o papel da cultura no ensino da Língua Inglesa. **Polifonia**, n. 15, p. 87-107, 2008.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOTA, K. M. Incluindo as diferenças, resgatando o coletivo – novas perspectivas multiculturais no ensino de línguas estrangeiras. In: \_\_\_\_\_. SCHEYER, D. (Org.). **Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras**. Salvador: Edufba, 2004.

RAJAGOPALAN, K. O grande desafio: aprender a dominar a língua inglesa sem ser dominado por ela. In: GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M. e ANDREOTTI, V. (orgs.) **Perspectivas educacionais e o ensino de inglês da escola pública**. Pelotas, Educat, 2005, p.37-48.

NIETO, Sonia. **Language, culture, and teaching**: cultural perspectives. New York: Routledge, 2009.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. (Ed.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 159-177.